

Delma Rosendo Gehm



- CASA DO ELETRICISTA -

- DE -

ARGEMIRO LAIMER & FILHO LTDA.

Avenida Presidente Vargas, 13-A

PASSO FUNDO - R. G. S.

Inscrição 091/0040419 - CGC 92.016.500/0001-30

FONE 22-2838

♦ **DISTRIBUIDORES** ♦

FIOS E CABOS

PIRELLI

VAREJO E ATACADO

INSTALAÇÕES ELÉTRICAS

PROJETOS ELÉTRICOS PARA
INDÚSTRIAS, RESIDÊNCIAS,
SILOS E GRANJAS.
REDES DE ALTA E BAIXA TENSÃO.
QUADROS DE COMANDO.

MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA
PARA AS INSTALAÇÕES

TUDO EM ELETRICIDADE

Delma Rosendo Gehm





FORMATEC

ENGENHARIA E COMÉRCIO LTDA.

INSCRIÇÃO ESTADUAL 091/0062 030
CGCMF 88 417 597/0001-15

CREA 26 567

CÁLCULO ESTRUTURAL

Cálculo de concreto armado através de computador eletrônico.

Proporcionando segurança e economia ao proprietário.

INSTALAÇÕES ELÉTRICAS

PROJETOS ELÉTRICOS PARA
INDÚSTRIAS, RESIDÊNCIAS,
SILOS E GRANJAS.
REDES DE ALTA E BAIXA TENSÃO.
QUADROS DE COMANDO.

MÃO DE OBRA ESPECIALIZADA
PARA AS INSTALAÇÕES

TUDO EM ELETRICIDADE

INSTALAÇÕES HIDRÁULICAS

PROJETOS HIDRÁULICOS, INSTALAÇÕES RESIDENCIAIS E INDUSTRIAIS.

MODERNOS TESTES ATRAVÉS DE GASES, PARA A PERFEITA SEGURANÇA DE SUA OBRA.

Av. Brasil, 555 - Conj. 3 - Fone 22-3109
PASSO FUNDO-RS

Passo Fundo na Revolução de 1893



FORMATEC

ENGENHARIA E COMÉRCIO LTDA.

INSCRIÇÃO ESTADUAL 091/0062 030
CGCMF 88 417 597/0001-15

CREA 26 567

CÁLCULO ESTRUTURAL

Cálculo de concreto armado através de computador eletrônico.

Proporcionando segurança e economia ao

Composto e impresso:

JOÃO B. M. FREITAS
Gráfica e Serviços

Rua 7 de Setembro,
334 - Fone 22-3069
PASSO FUNDO-RS

CGC 92049790/0001-
18 - Inscr. Est...
091/0054657

Esta obra é editada por iniciativa da Comissão Organizadora, em regosio pela realização do XXII Congresso Tradicionalista Gaúcho, na cidade de Passo Fundo.

O objetivo é o de realçar, para os estudiosos e lideranças do movimento tradicionalista gaúcho, reunidos para o grande conclave, a participação de Passo Fundo num dos mais gloriosos feitos da gente gaúcha, dando-lhes uma visão geral, embora resumida, dos homens e dos fatos aqui ocorridos.

Passo Fundo, 6 a 9 de janeiro de 1977.



Cel. Gervásio Lucas Annes,
Chefe Republicano de Passo
Fundo, durante a Revolução
de 1893 (Foto histórica)



Cel. Antonio Ferreira Pres-
tes Guimarães, Chefe Fede-
ralista em Passo Fundo, du-
rante a Revolução de 1893
(Chefe retirada de clichê,
publicado em "Annaes do Mu-
nicípio do Passo Fundo", de
Francisco Antonino Xavier e
Oliveira - ed. da Livraria
do Globo, 1908)

Retrospecto - Na última dezena de junho de 1892, deviam realizar-se no Estado do Rio Grande do Sul, as eleições do novo regime, para a organização definitiva do Estado, depois da queda do Império.

Essas eleições, por motivo de ordem pública, tinham sido adiadas primeira e segunda vez.

A qualificação eleitoral, processada, segundo o célebre regulamento Alvim, tinha sido um verdadeiro escândalo, afastando dos comícios eleitorais milhares dos mais dignos cidadãos, para serem alistados, de preferência, aqueles que em toda a parte do mundo, constituem verdadeiro rebanho de Panúrgio. Era a fraude de gremem fecundo de nefando despotismo. Em seu alistamento suplementar, feito por ordem do Governo Provisório do Estado, Visconde de Pelotas, a respectiva junta alistou mais de 900 votantes, aqui em Passo Fundo, todos cidadãos maiores de 21 anos e que sabiam ler e escrever, pois cada um fez seu requerimento de próprio punho, reconhecida letra e firma por tabelião.

O Sr. Guilherme Morsch, como Juiz Municipal suplente foi quem fez esse alistamento.

Proclamada a República evidenciou-se na Nação a vivência dos partidos monárquico, conservador, liberal e republicano que, cindidos, trouxeram no Rio Grande do Sul o descontentamento entre os Castilhistas, que apoiavam o chefe republicano, no Estado. Dr. Júlio Prates de Castilhos e de outro lado aglutinaram-se os conservadores descontentes de Castilhos, republicanos dissidentes, Gasparistas e Tava-

ristas (cãudilho de Bagê), e que sob a denominação de Partido Federalista, estabeleceram programa político, formulado por dissidentes.

Se de um lado defendia os interesses da República um Júlio Prates de Castilhos e, de outro, sustentavam ideais um Gaspar Silveira Martins, não menos verdade é que Gomercindo Saraiva foi o paladino da Revolução de 1893, apontado por Silveira Martins como o Gal. da Revolução, pois era grande no caráter, na pureza dos sentimentos, na honestidade de seus propósitos, na lealdade para com seus amigos e no extraordinário valor pessoal e guerreiro.

Esse vulto ímpar nos faz lembrar passagens históricas da epopéia de 1893, quando a barca Marajó, rebelada nas águas do Guaíba, alarmava a capital gaúcha e, quando Saldanha da Gama, Custódio de Melo e outros, na baía da Guanabara, com a Marinha de Guerra rebelada, canhonavam fortalezas, desafiando o governo de Floriano Peixoto.

Também a fusilaria, o troar dos canhões, o chocar das lanças, o tropel da cavalaria, marcaram época no sul do país.

O vulto marcante do republicano, o olhar de águia de Pinheiro Machado, ao contemplar o nada da morte, em Carovy, no corpo de Gomercindo Saraiva, ante o silêncio de todos, voltando-se para os companheiros, exclamou:

"Parece impossível que esse Trompeta tivesse feito estremecer a República".

Período Revolucionário - 1892 - Estava preparada a queda de Castilhos que se efetivou, levando ao poder do Estado o Partido Federalista que logo cindiu-se em dois grupos: um chefiado por Barros Cassal que era Governo e o outro, de que era chefe o conselheiro Dr. Gaspar Silveira Martins.

A mão poderosa do chefe da Nação, o Gal. de Ferro, Floriano Peixoto, fez ascender ao Governo do Estado o Dr. Júlio Prates de Castilhos e os dissidentes afastados do Governo.

Novamente unidos os Federalistas prepararam o início da Revolução que teve duas facções: Castilhistas e Federalistas.

Passo Fundo como palco nessa Revolução - Na noite de 17 para 18 de junho de 1892, sendo Governo Provisório do Estado o Visconde de Pelotas, pre-

sumindo que estalaria a Revolução Castilhista, no intuito de impedir as eleições, deu ordens telegráficas para ser organizada a resistência nas localidades do interior, caso o plano revolucionário fosse executado, como o foi.

Passo Fundo transformou-se em praça de guerra. Os ânimos acirraram-se com a morte, por assassinato do Coronel Honorário do Exército Francisco Marques Xavier (Xicuta), republicano e do outro, o Chefe político Federalista local Antônio Ferreira Prestes Guimarães que iniciara a prisão de vários cabecí-lhos.

A cidade fora transformada em oficina bélica: armazenamento de gêneros alimentícios, confecções de roupas para soldados, depósitos de armas e medicamentos.

Prestes Guimarães, contudo, sentindo a inutilidade da resistência procurou os adversários e, em reunião no Paço e Sala da Câmara Municipal, procurou evitar derramamento de sangue.

Do lado republicano era chefe o Cel. Gervásio Lucas Annes.

Lamentavelmente nada pôde ser evitado e a revolução fratricida banhou de sangue as coxilhas gaúchas e marcou Passo Fundo, como um dos maiores teatros dessa luta inglória.

Fazer uma análise sucinta do que por aqui ocorreu naqueles anos de 1892/93/94 seria repetir o que já publicamos no decorrer do ano de 1974 e 1975 (junho a junho), na imprensa local, em "O NACIONAL". Por esta razão nos ateremos a comentários sobre os combates que aqui se efetivaram.

1892 - No 2º semestre perseguições ferozes de ambas as facções começaram a enlutar a terra de Passo Fundo.

1893 - COMBATE DO BOQUEIRÃO

Junho 4 - Republicanos vindos da Cruz Alta e Federalistas aqui postados, encontraram-se em combate, no Boqueirão, arrabalde ocidental da cidade, havendo mortos e feridos de ambas as partes, ficando a cidade sob o comando dos Republicanos chefiados pelo Cel. Gervásio Lucas Annes e Eleutério dos Santos. Os Federalistas debandaram em direções várias e estavam sob os comandos de José Palmeira,

Elisiário Prestes e Cel. Amâncio. O terror campeava e as famílias já sofriam os horrores da insegurança e a dor da perda de seus filhos e esposos.

COMBATE DO ARROIO TEIXEIRA

Novembro 20 - Os Federalistas ou revolucionários sob o comando do Tte., Cel. Veríssimo Inácio da Veiga, natural de S. Borja, sentindo a aproximação dos Legalistas ou republicanos e, prevendo a inferioridade de seus comandados, em armas, supriu essa falta, armando grande nº dos seus com cacetes de guamirim, madeira rija e pesada. A idéia traduziu na prática magnífico resultado. É que os cacetes foram manejados por valentes, consagrados com ardor à causa da Revolução. Veríssimo comandava 190 homens, dispostos a todos os sacrifícios e tinha seu acampamento na costa da serra do Caporê, 30 e poucos km ao norte da cidade, campos esses que foram do Cel. Francisco de Barros Miranda "LALAU MIRANDA", junto ao pequeno Arroio Teixeira. Nesse sítio bafejado pelas armas recentes da floresta imensa que se estendia ao norte, margem esquerda do Alto Uruguai, e de vasta e ondulosa campina, que se dilatava ao sul, leste e ocidente, apresentou-se o inimigo Legalista, em nº de 200 homens, bem armados, sob o comando do major Felisberto e do Cap. João Crescêncio, este último morador na entrada do Mato Castelhano. Tomadas de parte a parte as posições convenientes, engajou-se, desde logo, renhido combate que rompeu ao clarear do dia e só terminou às 10 horas. Venceram os Revolucionários que nobilitaram a vitória com suas armas de pau (cacetes de 3 quinas, espadas e lanças).

No campo de luta os Legalistas deixaram 32 companheiros e seus dois chefes, debandando o resto da tropa em fuga desabalada. Os Revolucionários tiveram menos de uma dezena de mortos e 20 feridos.

Deixaram os Legalistas, no campo, grande nº de armas, animais encilhados e alimentos.

O Comandante Veríssimo da Veiga, Federalista, tivera ferimento no braço esquerdo, mas sem maiores consequências.

COMBATE DO PASSO DO CRUZ

Dezembro 20 - Veríssimo da Veiga, em 20 de dezembro, acampava ainda na costa da Serra, imediações do Arroio Teixeira, sítio para ele de gloriosa recordação. Tinha o ferimento do braço esquerdo em tratamento. Suas avançadas, porém, dominavam no campo para leste, até a entrada do Mato Castelhano, e para o sul quase todo o caminho que conduz à cidade de Passo Fundo. O acampamento dessas avançadas era no Passo do Cruz, junto a casa de residência do jovem capitão Silvio Alves de Rezende.

Na madrugada do dia 20 de dezembro, fora destruído um piquete legalista, que se aproximou deste acampamento, deixando dois mortos e indo o resto a toda brida alarmar os companheiros da cidade. O comandante Eleutério dos Santos, ao ter ciência dessa ocorrência, pelo relatos dos fugitivos, pôs-se em marcha para o Passo do Cruz, à frente de uma força de cento e oitenta homens, parte dela comandada por Francisco Brizolla, entendendo vingar, ao pé da letra, o agravo da manhã. Chegou antes de Veríssimo, chamado a toda a pressa da costa da Serra. Eleutério dos Santos iniciou combate que foi aceito e sustentado com notável bizarria por ambos os lados. A força Revolucionária forte, de 150 homens, sob o comando dos oficiais João de Souza Ramos e Cap. Teodoro Inácio da Veiga (irmão de Veríssimo), conseguiu dominar o campo, saudado pelo hino festivo da vitória. Durou o combate uma hora, perdendo os legalistas 25 mortos entre os quais o Cap. Brizolla, escapando os demais em fuga célere, em rumo da cidade. Eleutério dos Santos ferido de bala nas espáduas, apesar de bem montado, não pôde chegar com vida à cidade; caiu morto a menos de 3 km dela. Eleutério foi um bom comandante que a Legalidade Castilhistas mandou a Passo Fundo. Manteve a disciplina entre seus comandados, a ordem e o respeito na sociedade local o quanto possível. Tendo seus correligionários fugido, fora sepultado no cemitério da cidade pelos revolucionários (federalistas ou maragatos).

Os revolucionários tiveram dez baixas, tendo o Cap. Amaro José do Prado sido golpeado no ombro direito, mas sem maiores consequências.

Em poder dos vencedores ficaram como troféus 40 cavalos encilhados, 20 armas de fogo, pistolas, revólveres, lanças, uma corneta e um cargueiro de munições. Os revolucionários tomaram conta da cidade e município, concentrando nela as forças comandadas por Elisiário Prestes, Veríssimo da Veiga, Borges Vieira e Pedro Bueno de Quadros. Eles sabiam que o inimigo voltaria. E voltou.

De 13 a 15 de outubro desse ano de 1893, passaram pela cidade de Passo Fundo exércitos revolucionários chefiados pelos generais Luiz Alves Leite de Oliveira Salgado e Gomercindo Saraiva que eram seguidos de perto pelo exército legalista sob o comando do Gal. Lima e Dr. Pinheiro Machado.

COMBATE DO UMBU

1894 - Janeiro 16 - Os legalistas sob o comando de José Gabriel da Silva, secundados pelos coronéis João David de Barros e Gervásio Lucas Annes, encontraram-se às 8 horas da manhã a uns 9 ou 10 km da cidade, banda oeste, na zona denominada Umbú, tendo sido surpreendidos pela força revolucionária que carregou pela frente e flancos, envolvendo os legalistas num círculo de fogo convergente, e cargas de lança difíceis de resistir, chegando ao entrevero.

Após 4 horas de fuzilaria os legalistas debandaram para o lado da Cruz Alta, havendo sérias baixas de ambos os lados beligerantes.

Passo Fundo continuou sob o poder dos federalistas.

COMBATE DO VALINHO

Fevereiro 8 - A tropa legalista, sob o comando do Cel. Santos Filho, bateu-se em combate com as forças revolucionárias comandadas pelo Cel. Veríssimo da Veiga.

Nesse dia as tropas revolucionárias aguardavam encontro com o adversário no local do Umbú, mas Santos Filho, em estratégia guerreira, numa manobra de 6 km, desviou o grosso da tropa para o Valinho, protegendo-se por um banhado que nasce junto à estrada geral de Passo Fundo a Nonoai. A tropa legalista contava com 800 homens infantres e 500 de cavalaria. A coluna revolucionária viu-se obrigada a deslocar rapidamente a tropa, indo parte, em galope acelerado atacar o inimigo já se aproximando do Valinho. Um pequeno grupo ficou tiroteando no Umbú. Contavam os revolucionários com aproximadamente mil homens.

Foi uma luta desigual no Valinho, onde o punhado de federalista, confundindo na grande força legalista pelejou com inescrivível valor, fazendo enorme matança no centro da mesma reduzida a defender-se corpo a corpo, e sem que Santos Filho pudesse mandar carregar por sua linha de atiradores, que a fazer fogo, dizimava maior número de seus próprios comandados. Mas venceu o número, tornando-se os legalistas senhores do campo, alastrando o chão de cadáveres de ambas as forças, e de cavalaria morta quase em sua totalidade.

Nesse mesmo dia 8 de fevereiro a coluna de Santos Filho entrava, ao cair da tarde, na cidade e os revolucionários transpunham o rio Passo Fundo, para sua margem direita, protegendo a retirada das famílias que fugiram para a serra do Capoeirê; mister é declarar que Santos Filho, durante a estada em Passo Fundo, fez manter o devido respeito para com as famílias. Honra lhe seja.

COMBATE DOS TRÊS PASSOS

Junho 6 - O Cel. Santos Filho nos últimos dias do mês de fevereiro abandonou Passo Fundo, dirigindo-se para Cruz Alta, levando o máximo de recursos em armas, munições, gado, alimentos e roupas, afim de prejudicar os revolucionários que, naturalmente, alojar-se-iam, outra vez, na cidade. Houve um breve período de tranquilidade.

Nos primeiros dias do mês de junho as forças de Prestes Guimarães, em nº de mil e quinhentos homens, moveram-se do Campo Bonito (Soledade), em direção a Passo Fundo. Essas forças eram comandadas pelos oficiais Elisiário Prestes, Veríssimo da Veiga, Pedro Bueno e por uma Brigada da Soledade comandada pelo Cel. Chico dos Santos. Era chefe do corpo de saúde o Tte. Cel. Ananias de Oliveira Cardoso, que tinha como auxiliar o Tte. José Savinho-ne Marques.

Na noite de 5 para 6 de junho toda a força revolucionária ocupava as seguintes posições: na estrada da Soledade a Passo Fundo se encontrava Elisiário Prestes com uma vanguarda de 420 homens, mais o contingente italiano (Contingente Brasília-Italiano, comandado por Luciano Decuzati, vindos da colônia de Alfredo Chaves), sobre o Passo do rio Jacuisinho, a 18 km da cidade; o grosso das forças estavam acampadas junto à fazenda de Ismael de Quadros, distando 6 km da vanguarda.

Antes de clarear bem o dia 6 de junho aproximou-se do Passo do rio Jacuisinho o exército do Gal. Lima, vindo de Nonoai, forte agora com a junção de Santos Filho e Salvador Pinheiro. Ao contrário do que geralmente sucedeu, não quiz esse exército chegar sem ser pressentido e fê-lo, ostensivamente, ao estampido de sua artilharia, com a qual alvejou o Passo e, transpondo-o, perseguiu a coluna de Elisiário que se retirou em boa ordem, à fogo vivo de fuzilaria, respondido pelos retirantes no mesmo tom.

Disposta em linha de batalha a força revolucionária para o combate à frente da fazenda de Ismael de Quadros, ao chegar o inimigo, retirou-se em ordem. O Gal. Lima, legalista, pensando ser fuga mandou perseguir em marcha rápida, alternando seu fogo de fusilaria, sempre nutridos com tiro de canhão.

Ao transpor o arroio Três Passos o comandante dos revolucionários, em marcha, ordenou a resistência e a menos de 2 km para adiante, por traz de uma lomba, fez estender linha de batalha em uma e outra margem da estrada.

Momentos depois o inimigo assomou na coxilha, avançando com suma rapidez.

Eram onze horas. Começara o combate por cargas convergentes de todos os corpos da cavalaria revolucionária, cujo choque impetuoso sofreu as avançadas da infantaria do exército legal, defendendo-se com galhardia.

Quanto à cavalaria auxiliar dos legalistas, desaparecera, fugindo para o grosso do exército que formara quadrado junto ao Passo do pequeno arroio, sem, contudo, animar-se a vadeá-lo.

Às onze horas e meia tinha cessado o combate. As armas legalistas foram derrotadas.

Deixaram os legalistas e revolucionários centenas de mortos no campo da peleja, ignorando-se o nº de feridos. Não houve prisioneiros...

BATALHA DO PULADOR

Junho 27 - O Cel. Antonio Ferreira Prestes Guimarães, tendo conhecimento que Gomercindo Sarai-va, chefe da causa revolucionária, vindo com tropas reforçadas do Paranã, passaria por Passo Fundo, foi aguardá-lo na fazenda do já falecido Cap. Joaquim Fagundes dos Reis à igual distância da cidade de Passo Fundo e da entrada do Mato Castelhana. Esse encontro deu-se a 24 de junho de 1894, fortificando-se Prestes Guimarães com essa reunião.

No dia 26 de junho toda a força revolucionária passou ao som de música pelo centro da cidade, de leste para oeste, indo acampar à noite no Pinheiro Torto, que fica a 6 km na estrada de Cruz Alta. No dia seguinte, 27 de junho, ao encetar a marcha para frente, encontrou no Umbú, as avançadas do exército de Lima, travando desde logo, com ela, combate e recuando essas avançadas até perto da fazenda de Antonio Melo, no Pulador, distando de 12 a 13 km da cidade de Passo Fundo. Aí feriu-se a grande e renhidiíssima batalha. O local foi escolhido pelo chefe das forças legalistas, sendo quase inacessível às evoluções da cavalaria revolucionária, que pouco fez na ocasião mais decisiva da batalha.

Depois de 6 horas de fogo as forças revolucionárias, voltaram ao Pinheiro Torto. Os legalistas foram vencedores da batalha, mas preferiram sepul-

tar os seus mortos, atender os seus feridos e preparar marcha em direção a Cruz Alta.

Os revolucionários após o atendimento aos feridos rumaram em direção a Soledade, deixando em Passo Fundo o Comandante Veríssimo com seu corpo de patriotas.

O Cel. Santos Filho, legalista, desmembrando-se das forças que rumavam para Cruz Alta, retornou a Passo Fundo e nos dias 28, 29 e 30 de junho combateu o comandante Veríssimo que resistiu aos ataques e aqui permaneceu.

O nº de mortos de ambas as facções alcançou mais de cinco centenas de mortos e cerca de mil feridos.

ENCONTROS FINAIS

A 29 de setembro de 1894 o Cel. Santos Filho voltou atacar Passo Fundo, com uma coluna de 800 homens, retirando-se o comandante Veríssimo com 500 homens, empreendendo guerra de emboscadas; assim se passou o mês de outubro. Em novembro Santos Filho atacou novamente, tendo Veríssimo refugiado-se em Encantado.

1895 - A coluna de Veríssimo continuou em escaramuças com a tropa de Santos Filho, procurando sempre aproximar-se de Passo Fundo. Já se haviam passado os primeiros sete meses do ano quando, Prestes Guimarães e outros valorosos chefes sentindo a inutilidade da luta haviam emigrado para a Argentina, quando a 23 de agosto na cidade de Pelotas, entre o Gal. Galvão de Queiroz, representando o Governo da República, Dr. Prudente de Moraes e o Gal. Tavares representante dos revolucionários, foi assinada a paz. A luta havia durado 31 meses e feito cerca de 12.000 vítimas além de incalculáveis danos materiais.

Passo Fundo foi teatro de sangrentas batalhas nessa revolução de 1893, onde legalistas ou governistas ou republicanos de um lado e federalistas ou revolucionários ou maragatos de outro lado, escreveram, na história do Rio Grande do Sul, páginas de ideal, bravura e honradês, onde dois vultos de fac-

ções diferentes imortalizaram seus nomes: Gal. Gervásio Lucas Annes, o valoroso e intrépido republicano e Cel. Antonio Ferreira Prestes Guimarães, o caudilho indômito de caráter inflexível.

Parêntesis necessário - Feita a paz a 23 de agosto de 1895, Prestes Guimarães de seu exílio em Santo Tomé, na Argentina, procurou comunicar-se com as tropas revolucionárias que procuravam alcançar, novamente, Passo Fundo, pois conhecia o temperamento de seus comandados e temia que não a reconhecessem. Efetivamente isso aconteceu.

O Cel. Mena Barreto foi encarregado de proclamar a paz em Cima da Serra e aqui esteve nesta Passo Fundo, trazendo a boa nova, mas os revolucionários só aceitariam se recebessem diretamente do Chefe Prestes Guimarães a notícia já proclamada. Em seguida aqui esteve o Cel. José Bernardino Bormann, diretor da colonia militar do Chapecó que se valeu da senhora de Prestes Guimarães, Maria Sturm Prestes, mulher de civismo varonil, para conseguir que os revolucionários locais depusessem as armas. Ela lhes garantiu estar feita a paz e, então, de bom grado, depuseram as armas e voltaram à vida normal em seus lares.

A sofrida Passo Fundo que por 2 vezes esteve sob controle legalista e 5 vezes sob a guarda maragata pode, afinal, voltar à normalidade, esquecendo os ódios e os rancores entre patrícios e construir um futuro digno de seus filhos.